

Escolas estão pedindo reformas

SUSAN FARIA
Da Editoria de Cidade

Cerca de 80% da rede de estabelecimentos de ensino da Fundação Educacional do Distrito Federal precisa de reparos urgentes, desde reconstrução total de escolas até pinturas, paredes, quadros-negros, energia e outras obras prioritárias. Algumas situações são extremamente críticas, como a da escola Nossa Senhora de Fátima, em Planaltina, separada de um sanatório para doentes mentais, por uma cerca de arame, onde os loucos se despem e têm até relações sexuais na frente dos estudantes.

Este estabelecimento funciona ainda com três turnos, em cubículos escuros, que sacrificam a visão dos alunos. Portanto, de dia é a penumbra

e à noite, treva total. A situação da Escola Classe 20, localizada na QNC 12, em Taguatinga é vexatória também. Deixou de funcionar há tempos, por causa da precariedade de suas instalações e agora um grupo numeroso de flagelados está demarcando a área para invadi-la. Por falta absoluta de condições de funcionamento estão desativadas ainda várias escolas classes da Fundação Educacional, como a 9, do Gama, a 20, de Taguatinga, e a da quadra 705/6 da Asa Norte.

A constatação destas irregularidades vem sendo feita pela Fundação Educacional e Secretaria de Cultura, através de denúncias que os dois órgãos vêm recebendo.

VERBAS ESGOTADAS

"Recebemos uma herança

da administração anterior, pautada numa divulgação ufanista de uma realidade não correspondente", diz o secretário da Educação, Pompeu de Souza. Ele vai mais além: "as verbas destinadas à secretaria para o ano de 1985 foram literalmente gastas, de todas as maneiras. Rasparam os cofres. A coisa só pode ter sido feita intencionalmente".

"Estamos afogados em montanhas de papéis em branco, de variados tipos — prossegue o secretário — que não sabemos nem como gastá-los. Enquanto isso, inexistem recursos para obras prioritárias. Daí estarmos procurando créditos extraordinários para resolver os problemas mais urgentes". Outra denúncia de Pompeu é quanto a construção de escolas metálicas, com custos altíssimos, usando material de uma única firma e sem concorrência pú-

blica. "Funcionam como depósitos de gente, em condições às mais contrárias ao conforto térmico e acústico. Esta semana, inaugurei uma destas escolas no Paranoá, sem água, para abrigar 2.500 alunos. Para contornarmos a situação, solicitamos à Caesb a passagem, diária, de um caminhão pipa para lá", salienta Pompeu.

OPRESSÃO AOS SERVIDORES

Fábio Bruno, diretor da Fundação Educacional do DF, há menos de três meses no cargo, esperava encontrar no DF a melhor rede de ensino público e o que está vendo é uma rede problemática. "Antes, não se contava a verdade para o povo. Enganava-o com propagandas falsas. Se falava tanto — comenta — da exce-

lência do sistema e aqueles que estudavam em escolas ruins achavam que as demais eram boas".

Além da precariedade do estado físico das escolas, Fábio Bruno relata o sistema opressivo pedagógico: "exemplo disso, era o de que qualquer professor ou funcionário da Fundação Educacional, que, após reivindicar seus direitos junto à antiga administração, recorresse à justiça, ganhando ou não a questão, era posto na rua, sem justa causa. Pedagogicamente, basta citar este tipo de relacionamento de trabalho para definir a opressão que existia no sistema de ensino da Fundação Educacional".

Sobre este aspecto, Pompeu de Souza observa que "antes, aqui, as noções teóricas eram bebidas em experiências alienígenas, ignorando a realidade física, social e humana da comunidade".